

MELANIE PEETZ

O Israel bíblico

HISTÓRIA • ARQUEOLOGIA • GEOGRAFIA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Peetz, Melanie
O Israel bíblico : história, arqueologia, geografia / Melanie Peetz ; tradução de Paulo F. Valério. - São Paulo : Paulinas, 2022.
328 p. (Cultura Bíblica)

Bibliografia
ISBN 978-65-5808-112-8
Título original: Das biblische Israel

1. Israel - História 2. Israel - História de fatos bíblicos 3. Geografia - Israel
4. Arqueologia - Israel I. Título II. Valério, Paulo F.

22-0677

CDD 956.94

Índice para catálogo sistemático:

1. Israel - História - Fatos Bíblicos

Título Original da Obra: Das biblische Israel
© Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau 2018

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
Matthias Grenzer
Tradução: *Paulo F. Valério*
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*
Produção de arte: *Claudio Tito Braghini Junior*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou qualquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>
editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

Sumário

Introdução	13
1 O que é a Bíblia?	13
2 O que se entende por Israel?	17
3 Situação das fontes	18
3.1 Textos bíblicos	19
3.2 Testemunhos extrabíblicos	21
3.3 Arqueologia	23
4 A situação geopolítica de Israel no Levante	28
4.1 O Crescente Fértil	29
4.1.1 Egito	30
4.1.2 Mesopotâmia	32
4.1.3 O Levante	34
4.1.4 O Levante entre duas culturas avançadas	36
4.2 Visão geral da geografia do Levante meridional	38
4.2.1 A planície costeira com a Sefelá e a planície de Jezrael ..	40
4.2.2 A região montanhosa da Cisjordânia	40
4.2.3 O vale do Jordão com o mar Morto	41
4.2.4 A zona montanhosa da Transjordânia	42
5 Estrutura e uso do manual	44

A

PRÉ-HISTÓRIA E ORIGEM DE ISRAEL

I O relato bíblico da pré-história e da origem de Israel	50
1 A pré-história de Israel como história de famílias no livro do Gênesis	50
2 A origem do povo de Israel no Egito e sua escolha como povo de Deus	52
3 A tomada da terra por Israel segundo o livro de Josué	52

4	Quando acontecem a pré-história e o surgimento de Israel?	54
II	A origem dos textos bíblicos sobre a pré-história de Israel	54
III	Quadro histórico da pré-história e do surgimento de Israel	56
1	Modelos mais antigos para o surgimento de Israel	56
2	O Levante meridional no segundo milênio	57
2.1	O Levante meridional na primeira metade do segundo milênio	57
2.2	O Levante meridional na segunda metade do segundo milênio	60
2.2.1	A presença egípcia no Levante meridional	60
2.2.2	O declínio da cultura das cidades-estado	61
2.2.3	O surgimento de aldeias na região montanhosa	66
2.2.4	Israel na estela de Merneptá	68
2.2.5	Houve o êxodo?	71
3	Um modelo para o surgimento de Israel	72
4	O assentamento dos filisteus na costa do Levante Meridional	74

B

A MONARQUIA PRIMITIVA

I	A representação bíblica da monarquia primitiva	81
1	A pré-história do reinado de Saul no livro dos Juízes	81
2	O reinado de Saul	81
3	O reinado de Davi	84
4	O império de Salomão	88
II	A origem da representação bíblica sobre a monarquia primitiva	89
III	A monarquia primitiva à luz dos resultados arqueológicos	90
1	Os reis Saul, Davi e Salomão existiram?	91
2	Houve um reino grandioso sob Davi e Salomão?	95
2.1	Arquitetura monumental	95
2.1.1	Um palácio na “Cidade de Davi”?	95
2.1.2	O templo salomônico em Jerusalém?	97
2.1.3	Atividades edilícias de Salomão em Hasor, Meguido e Gezer?	99

2.2 Recentes pesquisas em torno da estrutura socioeconômica	102
3 Um possível cenário da época.....	103

C

A MONARQUIA MÉDIA ATÉ A CRISE ASSÍRIA

I De Jeroboão I até Zambri.....	112
1 Jeroboão I e os santuários de culto em Betel e Dã.....	112
2 Rivalidades, regicídios e circunstâncias semelhantes às de uma guerra civil.....	113
II A dinastia de Amri.....	114
1 A elevação da Samaria a capital desde o rei Amri	116
2 O domínio militar de Israel sobre o Levante desde Amri	117
3 A força político-interna e econômica de Israel sob o rei Acab.....	121
4 A força político-externa e militar de Israel sob Acab	125
5 O declínio da dinastia de Amri.....	129
III A dinastia de Jeú	132
1 Jeú, o perigo dos arameus e os pagamentos de tributos à Assíria	133
2 Novo apogeu para Israel sob Jeroboão II.....	136
IV Judá sob os davididas	139
1 Judá imediatamente depois da não renovação da união pessoal ..	140
2 Judá e o relacionamento com os amridas	140
3 A amrida Atalia – a primeira mulher no trono judaíta.....	142
4 Consolidação política e econômica sob os reis Uzias e Jotão.....	143

D

A CRISE ASSÍRIA NOS SÉCS. VIII E VII

I O império de Israel até sua queda.....	149
1 A política expansionista dos assírios desde Teglat-Falasar III.....	150
2 A guerra siro-efraimita	151

3 O ocaso do Estado de Israel.....	153
II Judá depois da queda do Reino do Norte e sob o rei Ezequias.....	156
1 O apogeu em Judá a partir de meados do séc. VIII.....	157
2 A expedição do grande rei assírio Senaquerib contra Judá.....	159
III Judá sob Manassés e Josias.....	167
1 O apogeu econômico em Judá sob o rei Manassés	168
2 Judá sob o rei Josias	170
2.1 O declínio do império assírio.....	170
2.2 A reforma de Josias	171

E

A CRISE BABILÔNICA E O EXÍLIO

I Fim do império assírio e fortalecimento da Babilônia.....	180
1 Babilônia contra Assíria	180
2 Babilônia contra Egito.....	181
II Fim do estado de Judá.....	183
1 Judá sob o domínio egípcio	183
2 Judá sob o domínio babilônico	184
2.1 A primeira conquista de Jerusalém e a primeira deportação ..	184
2.2 A segunda conquista de Jerusalém e a segunda deportação...	185
2.3 A província de Judá até a terceira deportação	189
III Exílio babilônico.....	191
1 A situação econômica dos judaítas no exílio.....	192
2 A situação religiosa dos judaítas no exílio	194

F

OS JUDEUS SOB O DOMÍNIO PERSA E O PERÍODO PÓS-EXÍLICO

I O Oriente Próximo sob o domínio persa.....	202
1. A queda da Babilônia e a ascensão da Pérsia sob Ciro II	203

2 O império persa sob Cambises II até Dario III	209
3 Administração e economia	212
II O retorno dos exilados e a reconstrução	213
1 Quando os primeiros exilados retornam à pátria?	214
2 Quantos judaítas retornam?.....	216
3 Como é organizada a reconstrução?	218
III Judaítas no Egito e a colônia militar na ilha de Elefantina, junto ao Nilo	224

G

OS JUDEUS SOB O DOMÍNIO HELENISTA

I A Judeia e o Oriente Próximo sob Alexandre Magno.....	233
1 Alexandre conquista o Oriente Próximo	234
2 A sucessão de Alexandre.....	237
3 Os efeitos da helenização sobre a população judaica.....	237
II Os judeus sob o domínio dos ptolomeus	239
1 A administração da Judeia sob os ptolomeus.....	239
2 Tobíades e oníades em Jerusalém	240
III A Judeia sob o domínio dos selêucidas até Antíoco IV Epífanes....	241
IV A Revolta dos Macabeus	245
1 Matatias começa a revolta	245
2 Judas Macabeu celebra nova dedicação do templo de Jerusalém .	246
3 Jônatas obtém a dignidade de sumo sacerdote.....	247
4 Simão luta pela autonomia política da Judeia e de Jerusalém	251
V A dinastia hasmoneia	251
1 João Hircano I.....	252
2 Aristóbulo 1	257
3 Alexandre Janeu.....	257
4 Salomé Alexandra	259
5 João Hircano II e Aristóbulo II	261

H
OS JUDEUS NO PERÍODO ROMANO
ATÉ A REVOLTA DE BAR-KOCHBA

I A conquista do Levante pelos romanos	268
II O reino-cliente romano de Herodes Magno	271
1 A ascensão de Herodes a rei dos judeus	271
2 O reinado de Herodes por graça de Roma.....	273
2.1 Herodes – um rei judeu?.....	275
2.2 Herodes e os hasmoneus	275
2.3 Herodes como construtor	276
2.3.1 Cesareia Marítima	277
2.3.2 Massada	278
2.3.3 O templo herodiano.....	279
III. Herodianos e procuradores romanos.....	282
1 Morte de Herodes.....	282
2 Governo de Arquelau sobre a Samaria, a Judeia e a Idumeia	283
3 Prefeitura romana na Judeia, Samaria e Idumeia até 41 d.C.	285
4 Governo de Herodes Antipas sobre a Galileia e a Pereia	286
5 Governo de Filipe sobre os territórios transjordânicos.....	288
6 Rei Herodes Agripa I	288
7 Rei Herodes Agripa II.....	289
IV A Primeira Guerra Judaica	291
1 Irrupção da Primeira Guerra Judaica	291
2 Supressão da revolta e destruição do templo	293
3 Queda de Massada e fim da Primeira Guerra Judaica.....	294
4 Consequências da guerra e reconstituição do judaísmo.....	296
V As revoltas da diáspora judaica.....	298
1 A diáspora judaica	298
2 As revoltas e sua supressão	300

VI A revolta de Bar-Kochba	302
1 A revolta.....	302
2 Consequências da revolta.....	303
3 Origem do judaísmo rabínico	304

APÊNDICES

Os acontecimentos mais importantes da história de Israel em um relance.....	307
Abreviações e esclarecimentos	309
Bibliografia	311
Índice remissivo.....	317

Introdução

Este manual concentra-se na história de Israel na época bíblica. Trata do tempo a respeito do qual os livros bíblicos narram e expande-se ao tempo em que tais escritos surgiram – portanto, ao período de cerca de 2000 a.C. até por volta de 200 d.C. O objetivo do livro é, no âmbito destes mais de 2.200 anos, reconstruir, segundo o método histórico-crítico, a história de Israel, ou seja, entre outras coisas: não apenas recontar a descrição bíblica, mas ordená-la historicamente em comparação com outras fontes textuais e descobertas arqueológicas. Neste livro, a história de Israel está dividida em oito épocas. Estes oito capítulos (A–H) orientam-se pelos três acontecimentos mais decisivos da história do Israel bíblico:

722 a.C.	A Assíria conquista o Reino do Norte, Israel. O reinado de Israel deixa de existir
587 a.C.	A Babilônia subjuga o Reino do Sul, Judá, e destrói Jerusalém, juntamente com o templo. Começa o exílio babilônico
70 d.C.	Os romanos destroem Jerusalém, juntamente com o templo

Contudo, em primeiro lugar, fundamentalmente: o que é a Bíblia? O que se quer dar a entender quando neste manual se fala de Israel? Em que espaço geográfico aconteceu a história do Israel bíblico e que fontes existem para traçar essa história do ponto de vista histórico-crítico? O capítulo introdutório (1-4) esclarece estas perguntas fundamentais e, subsequentemente, oferece indicações a respeito da estrutura e da utilização deste manual (5).

1 O que é a Bíblia?

Antes de mais nada, é preciso ter consciência de que não existe uma única Bíblia. A Bíblia utilizada pelos judeus contém 39 escritos

que surgiram em um período entre o séc. VIII e o II a.C. À exceção de algumas passagens em aramaico, estes escritos foram redigidos em hebraico, razão por que esta Bíblia é também chamada Bíblia Hebraica. A Bíblia utilizada pelos cristãos contém (além do Novo Testamento) todos os escritos que estão presentes na Bíblia Hebraica (livros protocanônicos); além disso, inclui certos escritos do início do judaísmo, os quais foram transmitidos em grego (detalhes a respeito no Capítulo H deste manual); alguns dentre eles foram redigidos originalmente em hebraico (livros deuterocanônicos). Na tradição cristã, esses escritos são chamados de Antigo Testamento. A sequência dos livros no Antigo Testamento difere da disposição deles na Bíblia Hebraica. As igrejas oriundas da Reforma do séc. XVI geralmente utilizam apenas os livros protocanônicos e denominam “apócrifos” os livros deuterocanônicos.

Os textos bíblicos diferenciam-se de muitos outros textos antigos pelo fato de que eles são considerados textos sagrados para uma comunidade de fé. Eles constituem o fundamento da fé para o judaísmo e para o cristianismo.

Os escritos bíblicos

O esquema a seguir mostra, à esquerda, os 39 escritos da Bíblia Hebraica; à direita, os escritos do Antigo e do Novo Testamento. A Bíblia Hebraica é também chamada de Tanak (Tanach), um acrônimo que se compõe das letras iniciais de suas três partes: T = Torá; N = Nebiim; K = Ketubim.

A TANACH
TORÁ “LEI”
Gênesis
Êxodo
Levítico
Números
Deuteronomio

ANTIGO TESTAMENTO	NOVO TESTAMENTO
TORÁ/PENTATEUCO	EVANGELHOS
Gênesis	Mateus
Êxodo	Marcos
Levítico	Lucas
Números	João
Deuteronomio	

NEBIIM “PROFETAS”
Josué
Juízes
1 Samuel
2 Samuel
1 Reis
2 Reis
Isaías
Jeremias
Ezequiel
Oseias
Joel
Amós
Abdias
Jonas
Miqueias
Naum
Habacuc
Sofonias
Ageu
Zacarias
Malaquias

LIVROS HISTÓRICOS	
Josué	Atos dos Apóstolos
Juízes	
Rute	
1 Samuel	
2 Samuel	
1 Reis	
2 Reis	
1 Crônicas	
2 Crônicas	
Esdras	
Neemias	
<i>Tobias</i>	
<i>Judite</i>	
Ester + <i>Suplementos</i>	
<i>1 Macabeus</i>	
<i>2 Macabeus</i>	

Introdução

KETUBIM “ESCRITOS”	OS LIVROS SAPIENCIAIS	LITERATURA EPISTOLAR
Salmos Jó Provérbios Rute Cântico dos Cânticos Coélet Lamentações Ester Daniel Esdras Neemias 1 Crônicas 2 Crônicas	Jó Salmos Provérbios Coélet Cântico dos Cânticos <i>Sabedoria de Salomão</i> <i>Jesus Sirac</i>	Romanos 1 Coríntios 2 Coríntios Gálatas Efésios Filipenses Colossenses 1 Tessalonicenses 2 Tessalonicenses 1 Timóteo 2 Timóteo Tito Filêmon Hebreus Tiago 1 Pedro 2 Pedro 1 João 2 João 3 João Judas

PROFECIA	PROFECIA
Isaías Jeremias Lamentações <i>Baruc</i> Ezequiel Daniel + <i>Suplementos</i> Oseias Joel Amós Abdias Jonas Miqueias Naum Habacuc Sofonias Ageu Zacarias Malaquias	Apocalipse de João

Os escritos deuterocanônicos do AT estão indicados em *itálico*.

Muitos escritos bíblicos falam a respeito da história de Israel ou referem-se a acontecimentos concretos da história de Israel: nos onze primeiros livros (nove, segundo a contagem original → H, IV, 4) da Bíblia Hebraica, nos livros de Gênesis até 2 Reis, a história de Israel é apresentada em um fio narrativo coerente – começando com a pré-história e o surgimento de Israel, tornando-se um país, até seu exílio na Babilônia. Os dois livros das Crônicas apresentam uma nova versão dessa história sob outra perspectiva. Os escritos de Esdras e Neemias tratam do restabelecimento de Israel no período pós-exílico.

Além desses livros históricos clássicos da Bíblia Hebraica, outros textos bíblicos oferecem-nos informações sobre a história de Israel. Contudo, os escritos da Bíblia Hebraica não são apenas esclarecedores para o tempo sobre o qual narram, mas também para a época em que surgiram. Somente no séc. II a.C. é que se chegou à forma final dos textos mais antigos da Bíblia Hebraica.

Os livros deuteroacanônicos do Antigo Testamento (cf. os escritos que aparecem em itálico no esquema anterior) são instrutivos para a história de Israel do séc. II a.C. até o séc. I d.C., como, por exemplo, ambos os livros dos Macabeus, que narram uma parte da história de Israel no séc. II a.C. Os escritos do Novo Testamento fornecem relances da história do judaísmo primitivo do séc. I e II d.C. Eles refletem as concepções dos judeus que acreditam em Jesus como Messias e Filho de Deus.

2 O que se entende por Israel?

Tanto na Bíblia quanto na literatura antiga, o nome “Israel” tem diversos significados. Em 1 e 2 Reis, o conceito é usado em sentido estrito: Israel indica o reino na parte norte do Levante meridional, com a capital Samaria, ao passo que o reino situado ao sul, com a capital, Jerusalém, é designado Judá. Conforme a representação de 1 e 2 Samuel, Davi e Salomão reinam em união pessoal sobre ambas as regiões durante algum tempo.

Em outros textos bíblicos, o nome “Israel” é usado em sentido amplo: indica a população que reside ou deve fixar-se em Israel e em Judá. De acordo com a Bíblia, esse povo surgiu dos filhos de Jacó, que na Bíblia tem o nome de Israel.

O judaísmo primitivo, que surge no período do pós-exílio em continuidade com Israel e Judá, tem consciência de sua identidade como Israel; por essa razão, na literatura do judaísmo primitivo, é também indicado como Israel.

Neste manual, o conceito “Israel” é usado em sentido amplo. No que se segue, “história de Israel” significa a história de Israel e de Judá, bem como a história do judaísmo primitivo. Por conseguinte, diferentemente de outros manuais, aqui se abrange um período de tempo mais amplo, que chega até o tempo da ocupação romana. Dentro desse conceito, a perspectiva neotestamentária é levada em consideração na medida em que os autores judaicos dos escritos neotestamentários pertencem a esse judaísmo primitivo. Evidentemente, este manual tenta compreender os desenvolvimentos do judaísmo primitivo em sua totalidade.

3 Situação das fontes

Quem quiser reconstruir a história encontra-se diante da tarefa de examinar fontes e avaliar o valor histórico das fontes. É útil a diferenciação entre fontes primárias, ou seja, fontes que provêm do período a que se referem, e fontes secundárias, isto é, fontes que informam sobre acontecimentos primitivos e, por sua vez, baseiam-se em outras fontes. Para a história de Israel no tempo bíblico, existem muitas fontes, em parte bem diferenciadas e em parte contraditórias. Além da própria Bíblia, devem-se incluir na lista principalmente escritos do judaísmo primitivo e obras historiográficas oriundas do período greco-romano, obras de tradição rabínica, inscrições e documentos do Egito, da Mesopotâmia e do Levante, bem como achados arqueológicos e legados. Deve-se levar em consideração que

a averiguação das fontes admite diversas possibilidades de interpretação, e, às vezes, a situação das fontes para determinadas épocas é tão precária que praticamente inviabiliza qualquer reconstrução, ou esta permanece vaga ou especulativa. O escopo deste manual é esboçar uma imagem plausível e compreensível da história do Israel bíblico com base nas fontes tradicionais. Contudo, deve-se notar que o esboço aqui apresentado não é o único possível.

3.1 Textos bíblicos

De longe, a Bíblia Hebraica é a fonte mais extensa e exaustiva. Quão fortemente os escritos bíblicos podem ajudar a reconstruir *histórico-criticamente* a história de Israel? Na busca de uma resposta, devem-se observar principalmente três aspectos: (1) as épocas de surgimento, (2) as peculiaridades literárias e (3) as intenções dos textos bíblicos.

(1) Para vários textos da Bíblia Hebraica, de modo especial aplica-se o princípio de que a distância entre a época do surgimento dos textos bíblicos e a época a que eles se referem é, às vezes, muito grande. Para diversos textos bíblicos, deve-se claramente observar que autores tardios retroprojetam para o passado as circunstâncias de seu presente. Consequentemente, pode acontecer que textos bíblicos ofereçam mais informações sobre a época em que apareceram do que sobre a época sobre a qual discorrem. Uma dificuldade na análise das fontes bíblicas consiste em que muitos textos surgiram no decorrer de um longo período de tempo. Diversos autores, de diferentes épocas e em distintos lugares, contribuem para a forma dos escritos bíblicos tal como os conhecemos hoje. Portanto, em diversos casos, não existe uma autoria *única* nem um período *único* de aparecimento a que os textos bíblicos pudessem ser remontados.

(2) Ademais, deve-se advertir que a Bíblia não é um relato que se orienta exclusivamente por fatos históricos. Os autores bíblicos usam diferentes formas de texto para expressar suas experiências com Deus e com o mundo. As experiências de Israel com Deus são apresentadas

e elaboradas em obras de arte literária – em sagas, em histórias de heróis, em canções e poemas redigidos artisticamente, em discursos e aforismos, ou também em textos que lembram a forma de anais régios. Dependendo do gênero textual, o relato bíblico da época a qual narra é ora mais, ora menos adequado para traçar a história de maneira histórico-crítica.

(3) Acrescente-se a isso o fato de que os autores bíblicos perseguem determinadas metas com seu relato: frequentemente, quanto ao conteúdo, os autores bíblicos estão interessados principalmente em interpretar a história de Israel e refletir sobre ela. Eles não recontam simplesmente, de maneira prosaica e imparcial, o passado, mas o reelaboram para seus contemporâneos. Dado que os textos e os escritos bíblicos, via de regra, surgem no decurso de um longo período de tempo, na Bíblia não existe um conceito *único* de interpretação da história. A própria visão da história modifica-se no curso da história. O centro de rotação e sustentáculo da maior parte das avaliações da história na Bíblia é, porém, a questão do relacionamento de Israel com seu Deus. O passado é julgado à luz da fé. De modo geral, existe história teologicamente interpretada, ou seja, história da salvação. Os textos bíblicos dificilmente surgiram antes do séc. VIII a.C. e, no melhor dos casos, para o período precedente, servem apenas como fontes secundárias. Para o período subsequente, a distinção entre fontes primárias e fontes secundárias geralmente permanece hipotética, visto que a época do surgimento de vários textos bíblicos é com frequência estimável apenas de maneira imprecisa. Na pesquisa, dificilmente se tem tanta certeza quanto no caso de algumas das cartas paulinas: foram redigidas pelo próprio Paulo e, portanto, constituem fontes primárias.

Isso não significa, porém, que os textos bíblicos não deveriam ser usados como fonte para uma reconstrução histórico-crítica da história; no entanto, é preciso investigar precisamente os textos correspondentes: quando surgiram os textos? Que distância separa o tempo em que o autor viveu e a época sobre a qual ele narra? Os autores são testemunhas

contemporâneas da narrativa ou referem-na de segunda mão? A que fontes os autores recorreram? Que tipo de texto se apresenta? Que intenções movem os autores ao narrar os fatos?

A confiabilidade histórica das fontes bíblicas pode variar fortemente de um texto para outro. Quem quiser apresentar uma história do Israel bíblico do ponto de vista histórico-crítico deve também recorrer a fontes textuais extrabíblicas, principalmente a textos contemporâneos e a descobertas arqueológicas. Somente então a tentativa de reconstruir a história de Israel pode ser promissora e viável.

3.2 Testemunhos extrabíblicos

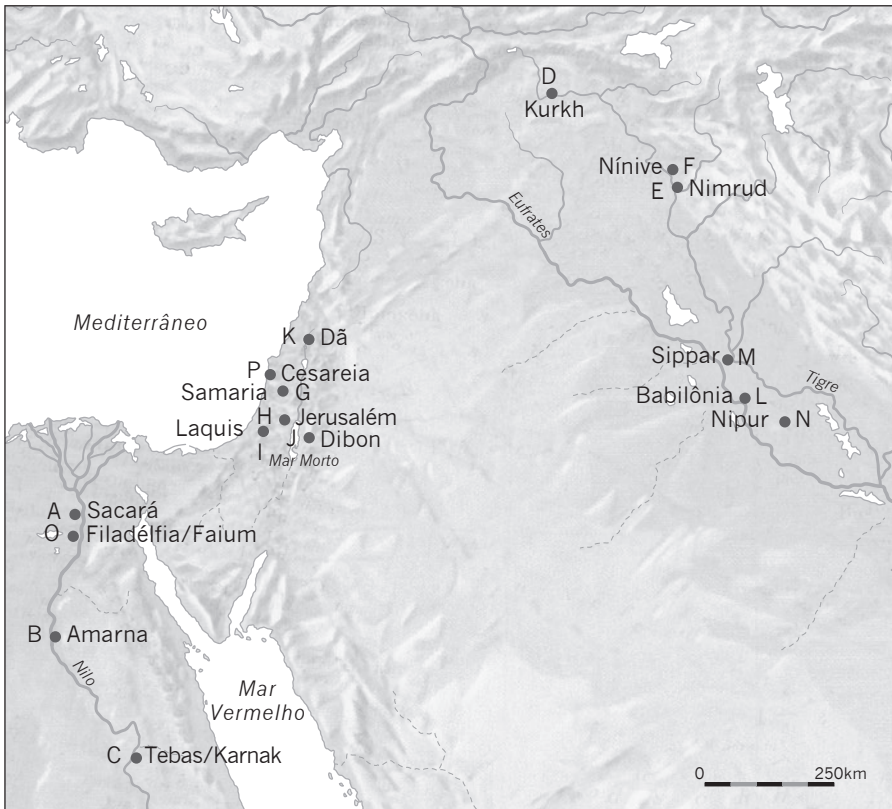
Entre as muitas fontes extrabíblicas, as fontes primárias têm importância especial. Fontes primárias importantes para a história de Israel são as inscrições de governantes do Antigo Oriente: ao longo de sua história, Israel foi sempre dominado por poderes oriundos do Egito ou da Mesopotâmia, e, no período greco-romano, por poderes da Europa. Consequentemente, não admira que Israel, bem como reis israelitas ou judaítas, que conhecemos através da Bíblia, sejam referidos em inscrições do Oriente Próximo. Em sentido inverso, na Bíblia são citados nominalmente imperadores que também são conhecidos a partir das fontes do Antigo Oriente. Com isso, é forçoso buscar intersecções e diferenciações: se o relato bíblico é suplementado por material de fontes extrabíblicas, dever-se-ia apresentar um quadro mais completo da história de Israel. A ampliada situação das fontes possibilita também inserir melhor a história de Israel no contexto maior da história do Oriente Próximo, ou seja, ordená-la na história universal comum. Igualmente, as inscrições dos povos que fazem fronteira imediata com Israel são instrutivas para a história de Israel e ajudam a compreender as constelações de poder no Levante entre o Egito e a Mesopotâmia.

Contudo, fontes primárias, isto é, fontes da época, não são indubitavelmente nobres. Nas inscrições, por exemplo, reis do Antigo

Oriente se inserem ardilosamente nas cenas e ressaltam seu domínio, vale dizer, suas vitórias contra outros povos, de maneira exagerada e, por vezes, irrealista. Tal relato frequentemente visa expressar pretensões de domínio e de depreciação de adversários. Tem-se, então, literatura tendenciosa, em muitos casos até mesmo literatura propagandista, e nenhuma representação histórica objetiva. Pode acontecer que uma fonte secundária, em razão de uma apresentação historicamente mais objetiva, seja mais confiável do que uma fonte primária. Por conseguinte, nem sempre e por si só, deve-se dar a primazia às fontes primárias. Cada caso deve ser considerado e avaliado em si. Testemunhos escritos da época devem ser igualmente avaliados de maneira crítica, tais como as fontes bíblicas e (outras) fontes secundárias. A credibilidade histórica de uma fonte aumenta apreciavelmente quando uma segunda fonte, independente daquela, confirma o que é relatado.

As localizações assinaladas no Mapa 1 mostram quão vastamente distribuídas estão as mais importantes tradições epigráficas atinentes a Israel. A distribuição mostra, de modo impressionante, que a história de Israel está ligada à história do Oriente Próximo. No entanto, hoje as inscrições já não podem ser visitadas *in situ*, mas somente expostas em museus – principalmente europeus ou norte-americanos. Os testemunhos textuais inseridos neste mapa são todos tratados no decorrer dos oito capítulos deste manual.

Mapa 1



Mapa 1: O mapa mostra os lugares onde foram descobertos os mais importantes testemunhos textuais contemporâneos: (A) textos de banimento; (B) correspondência de Amarna; (C) estela de Merneptá, lista de cidades de Sisaq; (D) estela de Kurkh; (E) obelisco negro de Salmanasar III, inscrição pomposa de Sargão; (F) prisma de Senaquerib, alto-relevo de Laquis; (G) óstracos da Samaria; (H) inscrição de Siloé; (I) óstracos de Laquis; (J) estela de Mesa; (K) estela de Tel-Dã; (L) tábuas de Weidner, cilindro de Ciro; (M) documentos jurídicos de al Jachdudu; (N) documentos do banco e da casa comercial de Muraschu; (O) papiros de Zenão; (P) inscrição de Pilatos.

3.3 Arqueologia

Os achados arqueológicos representam um importante corretivo para fontes textuais bíblicas e extrabíblicas. Na guerra da Síria e nas guerras do Iraque, foi aniquilado grande número de artefatos e relíquias deixadas pela vizinhança de Israel, a Mesopotâmia. Do

ponto de vista científico, isto é lamentável, pois as altas culturas na Mesopotâmia remontam a uma longa tradição; elas se inserem, já no séc. IV a.C., entre as mais antigas cidades-estado que conhecemos hoje (por exemplo, a cidade-estado de Ur). No entanto, os viajantes podem visitar diversas relíquias arqueológicas do segundo milênio a.C. em diante, o que torna a visita ao país particularmente atraente. Por conseguinte, além de estudantes de judaísmo e de teologia cristã, qualquer viajante interessado em Israel pode também utilizar este livro como guia de viagem, pois ele contém diversas descrições e apreciações de achados arqueológicos.

A arqueologia (estudo das antiguidades) analisa o passado da humanidade recorrendo à cultura material deixada como legado. Chamam-se de “cultura material” os artefatos, ou seja, os objetos que foram criados pelas pessoas no passado. Dentre eles, contam-se os utensílios da vida diária, como vasos, panelas, cerâmica, ferramentas e armas, mas também obras de arte monumentais e arquitetura. Além dessas relíquias produzidas pelas pessoas, a arqueologia examina também objetos naturais que foram utilizados por pessoas ou por uma cultura, como pedras que serviram de ferramenta ou cavernas que serviram de habitação (ecofatos). A arqueologia investiga também remanescentes biológicos de pessoas falecidas ou de animais domesticados, como ossos ou múmias conservadas de modo natural ou artificial, bem como restos de plantas. Com o auxílio de métodos das ciências naturais e das ciências humanas, a arqueologia procura tornar acessíveis todas as épocas culturais da história da humanidade, desde a Idade da Pedra até o presente, servindo-se dos legados materiais. Contudo, a arqueologia moderna está interessada acima de tudo em compreender os desenvolvimentos e as transformações de longo prazo da cultura e da forma de vida humanas através do tempo. Desse modo, os achados arqueológicos e sua inserção em um contexto oferecem uma importante contribuição para a ciência da história.

Os começos da arqueologia do sul do Levante, bem como os começos da arqueologia em geral, remontam a meados do séc. XIX.

Achados arqueológicos e pesquisas em Israel, na Jordânia e nas regiões circunvizinhas durante os últimos cento e cinquenta anos representam as mais importantes fontes primárias para a reconstrução do contexto histórico do Israel bíblico. A propósito, deve-se observar, porém, que artefatos arqueológicos e legados são, por si mesmos, “mudos”. Não apenas textos, mas também achados arqueológicos necessitam de interpretação; e o contexto no qual os achados são inseridos por descobridores parcialmente ávidos de atenção e de reconhecimento, mas também por museus e por exploradores de escavações em sítios arqueológicos, deveria ser sempre examinado criticamente.

Uma tarefa essencial do arqueólogo é observar a descoberta em um contexto geral mais abrangente. No processo de avaliação, o ambiente deve ser também levado em conta. Em que região o artefato foi encontrado? A que profundidade da superfície da terra, em que camada de escavação foi descoberto? Quais materiais e objetos se encontram na proximidade imediata e são eventualmente instrutivos para a interpretação do objeto encontrado?

Em diversos casos, porém, já não se pode deduzir inequivocamente qual a função originária de determinado objeto. Não raro existem várias possibilidades de interpretação. Afinal de contas, a arqueologia também não representa nenhuma ciência objetiva, no sentido de uma equação matemática.

Contudo, ainda que os achados devam ser interpretados, a arqueologia adota certa prioridade quando se trata de fonte para uma reconstrução da história. Com efeito, existe uma diferença decisiva entre achados arqueológicos e fontes textuais: dados arqueológicos, artefatos ou vestígios do meio ambiente são parte de um mundo vital real. Textos e seus conteúdos são, por outro lado, produto da força da imaginação humana. Eles não descrevem forçosamente um mundo real. Pode acontecer de um texto brotar parcial ou totalmente da fantasia de um autor ou autora, e possivelmente descrever não o mundo real, mas sim um mundo ideal – do ponto de vista do autor.

Nesse contexto, é preciso deixar claro que, durante muito tempo – e, às vezes, até hoje –, a arqueologia do Levante meridional esteve sob a influência da ciência bíblica. Em vez de avaliar os dados arqueológicos como fonte independente para a reconstrução do Israel bíblico, por longo período de tempo – e talvez até hoje –, a Bíblia representou, para a arqueologia do Levante, a norma de interpretação das descobertas arqueológicas. Tal arqueologia pode ser descrita com o lema do famoso arqueólogo israelita Yigal Yadin, em 1950: “Working with a spade in one hand and the Bible in the other” [“Trabalhar com uma pá em uma mão e a Bíblia na outra”]. Não raro, arqueólogos empreenderam projetos de escavação no Levante com o objetivo de “provar” a descrição bíblica.

Todavia, interpretar as descobertas arqueológicas com o auxílio de testemunhos textuais (secundários) caracteriza não apenas a arqueologia primitiva do Levante meridional. Essa maneira de proceder determina, também, desde o início, a arqueologia de modo geral. O séc. XIX e o início do séc. XX estão inteiramente sob o signo do historicismo (= é verdadeiro o que aconteceu historicamente). Desse modo, Heinrich Schliemann (1822-1890), por exemplo, um dos primeiros arqueólogos pioneiros, por volta do final do séc. XIX, sentiu-se inteiramente impelido a verificar os épicos do poeta grego Homero mediante escavações na Turquia e na Grécia. Para Schliemann, a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero seriam relatos verificados, cuja confiabilidade histórica (e, portanto, sua “pretensão à verdade”) ele procura provar através de achados arqueológicos.

A partir da década de 1970, a arqueologia do Levante meridional começa paulatinamente a libertar-se do cerco imposto pelas questões exegéticas. A arqueologia evolui para uma disciplina independente. Precedentemente, a ciência bíblica já experimentara uma mudança de rumo e se libertara da concepção de que na Bíblia existisse historiografia no sentido moderno.

A ciência bíblica atual só tem a ganhar com a emancipação da arqueologia. Em contrapartida, caso os achados arqueológicos sejam interpretados exclusivamente com o auxílio de textos bíblicos, isso leva

imperativamente a conclusões circulares. Nesse caso, a arqueologia não oferece nenhuma contribuição independente e, portanto, cientificamente substancial para a reconstrução crítica da história.

Podem perfeitamente acontecer que fontes textuais primárias ou secundárias atestem ou até mesmo completem o quadro delineado a partir de observações arqueológicas. Às vezes, fontes textuais primárias e secundárias narram uma história diferente da que as descobertas arqueológicas atestam. Nesses casos, surge a fascinante pergunta a respeito da razão por que os autores de tais textos narram a história da maneira que o fazem.

A fim de ressaltar a independência da arqueologia em relação à ciência bíblica, neste manual não se falará de uma arqueologia bíblica, posto que aqui se trata da história do Israel bíblico. Semelhantemente, evita-se a denominação “arqueologia da Palestina”, corrente na literatura acadêmica, visto que esse conceito, embora por outras razões, é igualmente problemático (→ H, VI, 2). Em vez disso, neste manual, escolhe-se a designação “arqueologia do Levante meridional”, que é mais neutra.

O Mapa 2 deve estimular a descobertas os que viajam a Israel e à Palestina. Os lugares de escavações arqueológicas indicados nele podem ser visitados em parques arqueológicos. Cesareia, Dã, Massada e, naturalmente, Jerusalém são lugares obrigatórios para todos os que viajam a Israel e se interessam pela história. A capital do antigo Reino do Sul, “Judá” – além de sua importância como “lugar de peregrinação” das três religiões mundiais –, é altamente interessante do ponto de vista arqueológico. Provavelmente, em nenhum outro lugar se possa compreender melhor do que em Jerusalém que a região do Levante meridional tem uma longa história cananeia. Contudo, esse patrimônio, que se pode constatar em Jerusalém, por exemplo, no sistema cananeu de canalização de água (→ B, III, 2.1.1), e em Dã, na mais antiga porta de cidade cananeia (→ A, III, 2), é menos fortemente posta em relevo em parques arqueológicos. A ênfase da maioria dos parques recai sobre a representação e a reelaboração da época israelita.

Mapa 2



Mapa 2: O mapa mostra locais de escavações arqueológicas importantes para a história de Israel no tempo bíblico.

4 A situação geopolítica de Israel no Levante

Em que espaço aconteceu a história do Israel bíblico? Inicialmente, é preciso constatar: a região de assentamento de Israel muda no decorrer do tempo. A “área central”, ou seja, a terra ancestral de

Israel pode ser localizada na Cisjordânia, ao sul do Levante. Desde a antiguidade e até hoje, a história do Levante é determinada por sua situação geográfica singular. O Levante, como parte do Oriente Próximo, está engastado em um espaço mais amplo, do ponto de vista geopolítico e histórico-cultural, o qual é, com frequência, arduamente disputado e no qual só raramente impera uma lacuna de poder político. Quem quiser compreender a história do Israel bíblico no sul do Levante deve necessariamente ter em vista todo o Oriente Próximo. Essa região é adequadamente designada de Crescente Fértil. De fato, a superfície agriculturável da região corresponde mais ou menos à forma de uma meia-lua.

4.1 O Crescente Fértil

O Crescente Fértil abrange uma grande área. A distância do Delta do Nilo, no Egito (→ Mapa 3, seta 1), até o rio Orontes, na atual Síria (→ Mapa 3, seta 2) perfaz cerca de 1.000 km; do rio Orontes até o Golfo Pérsico, no atual Iraque (→ Mapa 3, seta 3), cerca de 1.500 km. O Crescente Fértil compõe-se de três regiões climática e geograficamente diferentes, a saber, o Egito, a Mesopotâmia e o Levante.

Mapa 3



Mapa 3: O mapa assinala a superfície cultivável do Oriente Próximo, o Crescente Fértil.

4.1.1 Egito

O Egito, no ângulo nordeste da África, constitui a parte sudoeste do Crescente Fértil. Ali, o Nilo, cujas fontes brotam na África Central, desemboca no Mediterrâneo. A fertilidade do Egito, na antiguidade, provinha exclusivamente das águas do Nilo. As recorrentes inundações anuais do rio melhoram o solo e tornam fecunda grande parte do país. Por outro lado, as precipitações pluviométricas são praticamente nulas.

Em razão da construção da nova represa de Assuá, sob o governo do presidente Gamal Abdel Nasser (governou de 1954 a 1970), as inundações estão hoje em dia bem limitadas. Na antiguidade, porém, o Egito devia sua elevada cultura ao Nilo. O historiador grego Heródoto, no séc. V a.C., já se referia à terra dos faraós como “presente do Nilo”.

Segundo a narrativa bíblica, o ancestral de Israel, Jacó, com sua família, chegou ao Egito, vindo de Canaã, em decorrência da fome. Por conseguinte, o povo de Israel teria surgido no segundo milênio a.C., no Egito. Essa representação histórica é discutida criticamente no primeiro capítulo deste manual (→ A).

Mapa 4



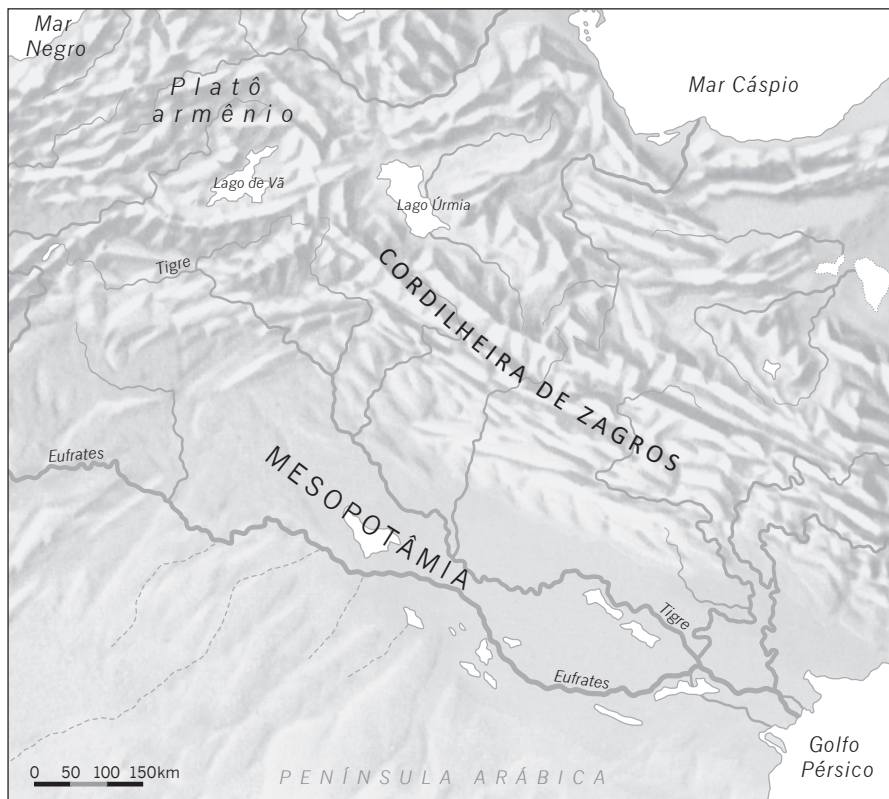
Mapa 4: O mapa mostra o Egito com o Nilo e o fértil Delta do Nilo no Mediterrâneo.

Das fontes extrabíblicas, resulta que o Egito estabelece o Levante principalmente no segundo milênio a.C. No primeiro milênio a.C., o Egito tenta, sem lograr êxito na maioria das vezes, expandir sua influência no Levante. Somente por volta do final do primeiro milênio a.C. é que o Egito, sob o domínio dos ptolomeus, desempenha novamente papel importante no Levante (→ G, II, 1). A partir do séc. III a.C., no Egito, na cidade de Alexandria, encontra-se a maior diáspora (dispersão) judaica fora da “área central” (→ H, V, 1). Sua pré-história pode ser retraçada com o auxílio de fontes extrabíblicas até o séc. VII a.C.

4.1.2 Mesopotâmia

A Mesopotâmia (região situada entre rios), atual Iraque, constitui a parte norte-sul oriental do Crescente Fértil (→ Mapa 5). A região é dominada por dois grandes rios, o Eufrates e o Tigre, que nascem próximos um do outro, nas montanhas iranianas, e desembocam no Golfo Pérsico. O degelo nas montanhas leva a uma temporada de inundação mais ou menos de março até junho. Em abril e maio, vastas extensões de terra são cobertas pelas águas dos rios. No mundo antigo, em outras épocas do ano, a terra era irrigada artificialmente mediante sistemas de canais entre os dois rios. A fertilidade dessa região, portanto, provém da água dos dois rios. Logo, não causa surpresa que ali – mais ou menos em conjunto com o Egito – se tenha desenvolvido uma das primeiras civilizações avançadas da humanidade. Na Mesopotâmia surgem a escrita cuneiforme e a mais antiga obra narrativa por nós conhecida até hoje: a epopeia de Gilgamesh.

Mapa 5



Mapa 5: O mapa mostra a Mesopotâmia. Veem-se os rios Eufrates (no oeste) e Tigre (no leste). Ambos deságuam no Golfo Pérsico.

De acordo com o relato bíblico, Abraão e sua família emigraram da Mesopotâmia a fim de mudar-se para Canaã, a terra prometida por Deus. Desse modo, dever-se-iam buscar as raízes de Israel no atual Iraque. Fontes textuais extrabíblicas e escavações não oferecem indicações a esse respeito, como será explanado no Capítulo A.

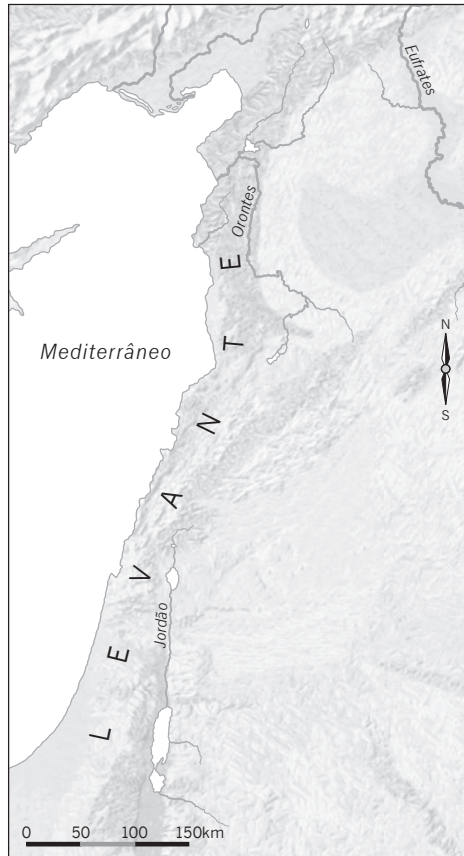
A partir das fontes bíblicas e extrabíblicas, depreende-se que os poderes da Mesopotâmia dominaram o Levante meridional, principalmente no primeiro milênio a.C. A invasão assíria, em 722 a.C., custou a Israel a existência de seu reino (→ D). Em 587 a.C., Judá foi conquistada pelos babilônios, e grande parte da elite judaíta teve

de viver na Mesopotâmia desde então (→ E). Algumas décadas depois, quando os exilados têm a possibilidade de retornar à pátria, apenas uma minoria se dá conta disso (→ F). A diáspora judaica cresce, sobretudo, no I e II sécs. d.C. A partir do III séc. d.C., surge na Mesopotâmia um importante centro de erudição judaica (→ H).

4.1.3 O Levante

O Levante (do italiano *levante*, particípio presente/adjetivo, “que se eleva”/“nascente”; substantivo: “o nascente, Oriente, leste”) forma a parte central do Crescente Fértil (→ Mapa 6). Trata-se de uma região estreita, de cerca de 600 km de extensão, cuja faixa de terra cultivável, de oeste a leste, no ponto mais largo, mal chega a 150 km. A terra cultivável encontra-se na costa leste do Mediterrâneo, fazendo limite com o deserto siro-arábico. Diferentemente do Egito, a fertilidade desta faixa de terra não provém das águas dos rios, mas depende das precipitações pluviométricas invernais, vindas do Mediterrâneo, sobre as cadeias montanhosas. Por isso, no leste, a quantidade de precipitações pluviométricas é significativamente menor do que no oeste, e a terra cultivável vai-se transformando progressivamente em deserto.

Mapa 6



Mapa 6: O Levante não dispõe de grandes rios, como o Egito ou a Mesopotâmia. Comparado com o Nilo ou com o Eufrates e o Tigre, o Jordão, no Levante meridional, é um “arroio”. Ademais, somente a muito custo se tem acesso ao rio Jordão, devido a sua baixa localização. O Levante liga o Egito à Mesopotâmia e, portanto, está situado de modo geograficamente favorável ao trânsito.

A partir do terceiro milênio a.C., em razão de suas florestas, o Levante setentrional torna-se interessante para o Egito, pois este, em razão de praticamente não possuir árvores, tinha de importar do Líbano madeira para construção, cipreste e cedro. Do Levante meridional, onde vicejam oliveiras e vinhedos, o Egito e a Mesopotâmia, na antiguidade, obtinham azeite e vinho; porém, no que diz respeito à fertilidade e às matérias-primas dessa região, considerando o Egito e a Mesopotâmia

como um todo, eram modestas. Não existiam ali depósitos de metais; então, pedras preciosas, marfim, incenso, especiarias etc. tinham de ser importados. Os recursos hídricos também eram escassos, e a utilização da região para a agricultura, bem como para a povoação, tornava-se mais difícil em decorrência da grande diferença de altitude (Ilustração 1). Por que, então, essa região relativamente pobre, no decurso de sua história, esteve reiteradamente tão no foco da política mundial? Isso só pode ser explicado tendo em vista os estados adjacentes, para os quais – em sua ambição de concorrência – com demasiada frequência o Levante foi e é um ponto de discórdia.

4.1.4 O Levante entre duas culturas avançadas

Considerando-se, pois, a situação do Levante, ele constituiu, na antiguidade, a ponte entre dois países cultiváveis tanto geográfica quanto climaticamente. Egito e Mesopotâmia são territórios fluviais e, conseqüentemente, independentes da chuva. Além disso, deles emergem as mais antigas culturas evoluídas da humanidade. O Egito e a Mesopotâmia determinam política e culturalmente o Oriente Próximo. Por isso, fica claro por que o Levante, na antiguidade, tornou-se joguete dos interesses egípcios e mesopotâmicos: é a única conexão terrestre tanto entre a África e a Ásia quanto entre a Europa e a Ásia. Quem ocupa o Levante, com suas importantes rotas comerciais, representa a maior potência no Oriente Próximo.

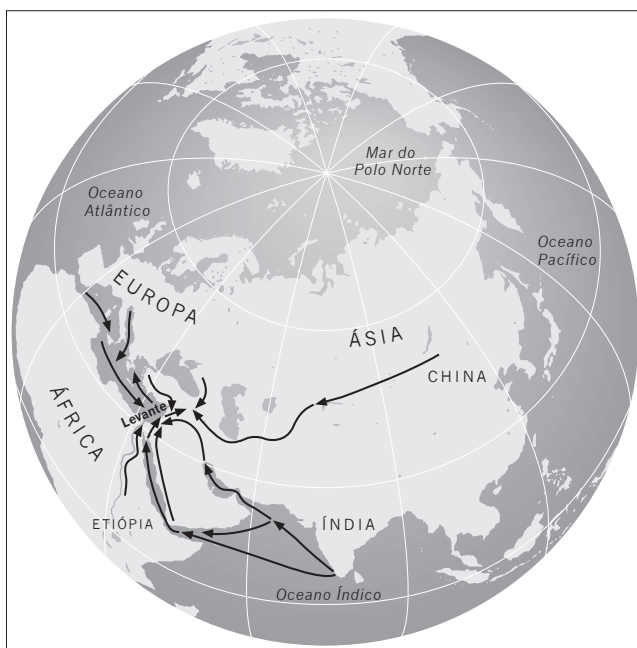
Por isso é que a história de Israel é sempre marcada por conflitos entre o norte e o sul. Os povos do Levante praticamente não têm a oportunidade de se desenvolver de maneira independente: na maioria das vezes, são dominados pelos poderes tanto da Mesopotâmia como do Egito. Não admira, pois, que a história de Israel, no Levante meridional, seja rica em conflitos, rupturas e, principalmente, em dominação estrangeira.

Além dessa posição incrustada entre duas culturas avançadas, no nordeste e no sudoeste, a posição do Levante é igualmente importante junto ao Mediterrâneo (a oeste) e ao mar Vermelho (a sudeste). Na

antiguidade, no Mediterrâneo havia intensa navegação. O Levante, especialmente a costa norte, comunica-se com a Ásia Menor, com o sul da Europa e com o norte da África. Também o mar Vermelho, naquele tempo, era utilizado como via de circulação. O Levante possui uma rota marítima ao sul da Arábia e ao leste da África até o Oceano Índico, embora os predominantes ventos do norte constituíssem um considerável obstáculo para os veleiros (cf. 1Rs 22,49).

Em resumo, pode-se dizer que o Levante encontra-se no centro de importantes vias terrestres e oferece acesso a relevantes rotas marítimas. De maneira apropriada, Othmar Keel caracteriza a situação geopolítica do Levante como “ponto de intersecção de dois mares e três continentes”. No esboço a seguir, ele registrou este fato de modo bastante impressionante.

Mapa 7



Mapa 7: O esboço mostra o Levante como “centro geográfico de trânsito”. A posição do Levante no Oriente Próximo faz da região “importante país de passagem para o comércio e o tráfego”. Nisto provavelmente consiste o mais importante “recurso” do Levante, cf. Keel, Othmar: *Orte und Landschaften der Bibel*, vol. 1, p. 183.

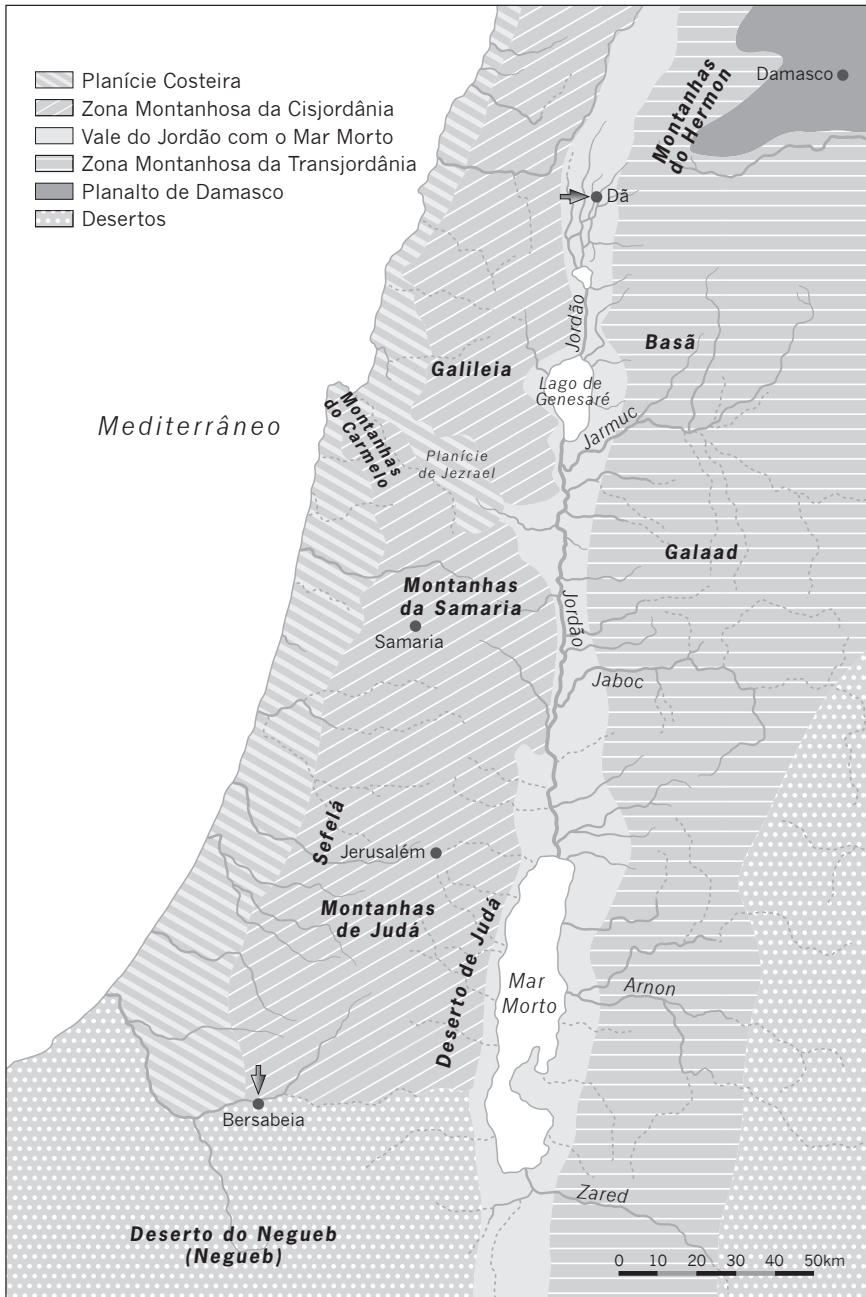
4.2 Visão geral da geografia do Levante meridional

O Levante meridional é a região na qual Israel e seus povos vizinhos (Aram-Damasco, Amon, Moab, Edom) se originaram ou, especificamente, se estabeleceram (filisteus). Trata-se da região dos atuais estados da Jordânia, Israel e os territórios autônomos dos palestinos (Cisjordânia e Faixa de Gaza). Os modernos estados da Síria e do Líbano constituem a parte setentrional do Levante.

A área do Levante meridional é pequena (entre Dã, ao norte, e Bersabeia, ao sul, são aproximadamente 250 km), mas multifacetada do ponto de vista agrário e climático: terra fértil, região de florestas, estepes e desertos encontram-se compactamente lado a lado em razão da grande diferença de altitude (planícies, região colinosa, montanhas). Desse modo, em cada uma das regiões territoriais existem diversas condições de vida.

O país pode ser dividido aproximativamente em quatro diferentes regiões topográficas (→ Mapa 8). Estes quatro tipos de território marcam o Levante meridional, respectivamente, de norte a sul: a planície costeira, a zona montanhosa da Cisjordânia, o vale do Jordão, com o mar Morto, e a zona montanhosa da Transjordânia.

Mapa 8



Mapa 8: O mapa destaca as regiões topográficas do Levante meridional.

4.2.1 A planície costeira com a Sefelá e a planície de Jezrael

A oeste, a região destaca-se por uma plana faixa costeira (apenas um pouco elevada acima do nível do mar), interrompida pelas montanhas do Carmelo (cerca de 600 m acima do nível do mar), ao norte. A planície costeira, a região colinosa que lhe é adjacente a leste – na Bíblia é designada de Sefelá – e a planície de Jezrael são áreas economicamente importantes. Ali é possível desenvolver a agricultura em larga escala. Na Bíblia, a planície de Jezrael é até mesmo chamada de celeiro da terra (cf. Os 2,24). Ademais, esta faixa de terra está situada de modo a favorecer o tráfego. De um lado, a região mediterrânea está ligada ao Egeu por vias marítimas (na antiguidade, existiam os portos de Jope, Cesareia e Aco); de outro, estende-se ao longo da costa e, através da planície de Jezrael, à mais importante via comercial da antiguidade, a Caminho do Mar (chamada posteriormente assim, *Via Maris*, pelos romanos), que liga o Egito à Mesopotâmia. Do ponto de vista agrícola e econômico, a planície costeira, com colinas e a planície de Jezrael no Levante meridional, é uma região extremamente atraente.

4.2.2 A região montanhosa da Cisjordânia

A leste da planície costeira, com a região colinosa, está situada a região montanhosa cisjordânica: ao norte, as montanhas da Galileia (até 1.200 m acima do nível do mar); ao sul, a montanha do Carmelo, que, a oeste, chega até o Mediterrâneo (cerca de 600 m acima do nível do mar); mais adiante, ao sul, as montanhas da Samaria (até 1.000 m acima do nível do mar) e as montanhas de Judá (até 1.000 m acima do nível do mar). A Galileia é separada das montanhas do Carmelo e das montanhas da Samaria pela planície de Jezrael. As montanhas da Samaria formam, juntamente com as montanhas judaítas, uma cadeia montanhosa fechada. A zona montanhosa diferencia-se fortemente da região costeira do ponto de vista climático e paisagístico: de um lado, é significativamente mais fria (a cada 100 m de altura, cerca de um

grau Celsius); de outro, em razão da grande diferença de altitude, é mais difícil de cultivar do que na planície e, em geral, menos fértil. A região montanhosa setentrional, principalmente, tem piores conexões de transporte. No final do segundo milênio a.C., as condições de vida na região montanhosa, em decorrência das mudanças climáticas que atingem todo o Oriente Próximo, às vezes parecem ser melhores do que na planície (→ A, III, 2.2.2). As origens de Israel e de Judá devem ser situadas na zona montanhosa. O reino de Israel, com a capital Samaria, surge na zona montanhosa samaritana, enquanto o reino de Judá, com a capital, Jerusalém, surge na zona montanhosa judaíta.

Na antiguidade, a zona montanhosa, a zona costeira, a Sefelá e a planície de Jezrael distinguiam-se por florestas. Dado que tais bosques foram desmatados principalmente sob o domínio romano, hoje não resta praticamente nada para ser visto. Atualmente, em Israel, somente no Carmelo é que se encontram bosques. A zona montanhosa judaíta confina-se, ao sul, com o deserto do Negueb (Negev) e, ao leste, com o deserto de Judá. Nessas regiões de estepes e de desertos, uma povoação duradoura era praticamente impossível na antiguidade, e até hoje em muitos lugares.

4.2.3 O vale do Jordão com o mar Morto

A terceira região do Levante meridional é formada pelo vale do Jordão e o mar Morto. O Jordão é o rio mais baixo da Terra. Suas nascentes brotam do sopé do monte Hermon, situado a cerca de 2.800 m de altura. Dali, o rio jorra para o lago de Genesaré, localizado mais ao sul, e já se encontra a cerca de 200 m abaixo do nível do mar. Ao sul do lago, o Jordão entra em um vale que se estende por mais ou menos 105 km até o mar Morto (mar de Sal). Hodiernamente, o curso do Jordão é acompanhado por um estreito bosque aluvial, provavelmente bem mais amplo na antiguidade. Antes de desembocar no mar Morto, a oeste, junto à margem setentrional, situa-se o oásis Jericó. Na antiguidade, encontravam-se ali ricas plantações de tâmaras. Na margem ocidental do mar Morto, localiza-se o oásis de Engadi, no

qual, na antiguidade, eram cultivados todos os tipos de plantas para a produção de substâncias aromáticas sedutoras.

Deve-se imaginar a região do mar Morto, como um todo, significativamente mais verde do que hoje. Pesquisas arqueológicas recentes defendem que, nos tempos antigos, a costa ocidental do mar Morto era bem fértil e utilizada para a agricultura, graças a fontes de águas frescas. Além do cultivo de tâmaras e bálsamo, a obtenção de asfalto natural e de sal do mar Morto era um fator econômico decisivo.

A região do mar Morto é a área mais profunda e de livre acesso da Terra, localizando-se aproximadamente a 400 m abaixo do nível do mar. Suas águas apresentam uma concentração extraordinariamente alta de sal e de minerais, o que faz com que apenas micro-organismos e similares sejam encontrados no mar Morto. Atualmente, é uma atração para muitos turistas que se banham em suas águas o fato de elas, em virtude da alta densidade, sustentarem o corpo humano. Enquanto na região ao redor do lago de Genesaré reina um clima subtropical, a área em torno do mar Morto é marcada por um calor mais seco.

4.2.4 A zona montanhosa da Transjordânia

A quarta região do Levante meridional é formada pela zona montanhosa da Transjordânia. Ali se encontram os estados vizinhos de Israel: Edom, Moab, Amon, Aram-Damasco. De acordo com a narrativa bíblica, toda a Transjordânia seria governada por Davi e Salomão; porém, de uma perspectiva arqueológica, isto é improvável (→ B, III). De norte a sul, a Transjordânia é definida por quatro grandes sistemas de vales, os chamados uádís, respectivamente denominados segundo quatro rios que, oriundos do leste, desembocam no Jordão, vale dizer, no mar Morto: uádi Jarmuc, uádi Jaboc, uádi Arnon e uádi Zared. Ao norte, a terra cultivada entre o sopé do monte Hermon e o uádi Jarmuc avança em direção ao leste. Essa região norte, na atual Síria, é extremamente fértil. Com até 600 m de altura, na Bíblia é chamada

de Basá e, hoje, conhecida por Golá; e, tanto antigamente como agora, é objeto de conflitos militares. Durante o reino de Israel, o império de Aram-Damasco estabeleceu-se na região. No curso da história, a relação de Israel com Aram-Damasco tem sido inconsistente: ora estão unidos, ora em guerra (→ C, II, 4; III, 1; D, I, 2). O planalto entre o uádi Jarmuc e o extremo norte do mar Morto é interrompido pelo uádi Jaboc. Os amonitas estabeleceram-se na cabeceira do Jaboc. Junto ao Jaboc encontrava-se igualmente sua capital, Rabat-Amon, a atual Amã, na Jordânia. Na antiguidade, a região ao sul, do extremo norte do mar Morto até o uádi Arnon, era muito fértil e, portanto, assim como a região de Basá, costuma ser um ponto de discórdia militar. Surgem disputas por causa dessa região entre o reino de Israel e o reino de Moab, que se instala ali. Às vezes, Moab é dominado por Israel, mas depois consegue livrar-se da vassalagem (→ C, II, 2). O uádi Zared segue ao sul. Em direção ao sul, a zona montanhosa transjordânica atinge seu ponto mais alto, a 1.600 m acima do nível do mar. Ali se localiza a terra ancestral dos edomitas.

Quando Judá, em 587, é conquistado pela Babilônia, os edomitas apropriam-se da região meridional do antigo reino de Judá (na Cisjordânia). Na época greco-romana, os grupos populacionais da Idumeia localizavam-se ao sul da Judeia (Judá). Um idumeu famoso é Herodes Magno (→ H, II). Segundo autores antigos, os idumeus são descendentes dos edomitas.

Na época greco-romana, o reino dos nabateus – originalmente uma sociedade tribal de vida nômade, oriunda da Arábia –, com a capital Petra, domina a região leste e sudeste do mar Morto. Petra – situada entre o mar Vermelho e o mar Morto –, em virtude de seu monumental Palácio Funerário, é hoje ponto de atração turística na Jordânia. Os nabateus devem sua riqueza principalmente ao comércio internacional de mercadorias. Herodes Antipas, filho de Herodes Magno, desposou uma mulher nabateia a fim de assegurar seu principado, que, entre outras coisas, faz fronteira com o reino dos nabateus (→ H, III, 4).

Introdução

As seções transversais e longitudinais lembram que o Levante meridional é caracterizado por grandes diferenças de altitude.

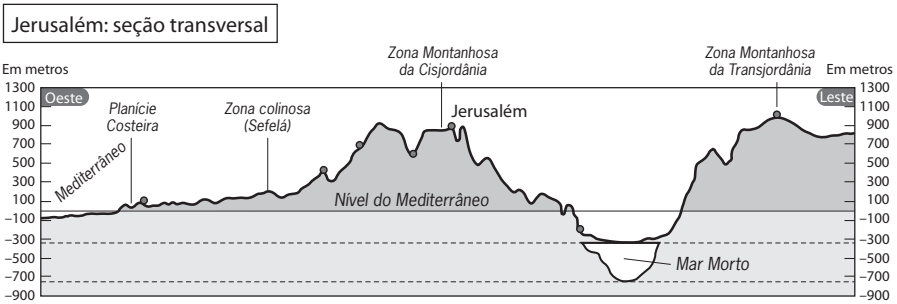


Ilustração 1: A imagem mostra uma seção transversal de Jerusalém (800 m acima do nível do mar). A zona montanhosa judaíta, na Cisjordânia, é marcada por acentuadas falhas geológicas em direção ao leste, até o mar Morto, e em direção ao oeste, até as colinas. A zona montanhosa transjordânica também apresenta uma falha íngreme em direção ao oeste, até o mar Morto. As nuvens de chuva oriundas do Mediterrâneo em direção ao mar Morto, devido às íngremes falhas geológicas, praticamente não têm a oportunidade de precipitar-se. Consequentemente, uma faixa desértica – o deserto de Judá – faz fronteira com a zona colinosa judaíta (→ Mapa 8).

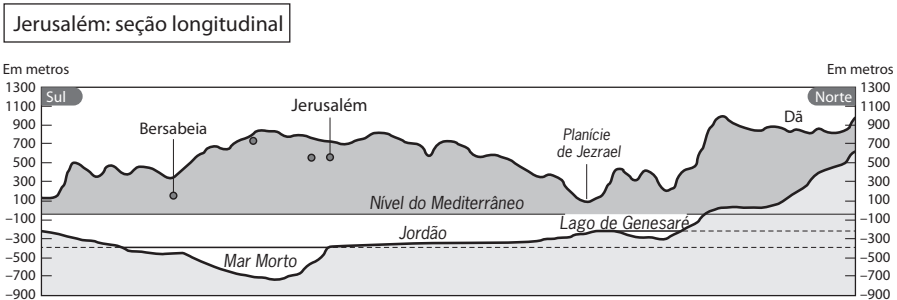


Ilustração 2: A imagem mostra uma seção longitudinal de Jerusalém e do Vale do Jordão.

5 Estrutura e uso do manual

Este manual articula a história de Israel em oito períodos, apresentados respectivamente em capítulos (A–H):

- A Pré-história e origem de Israel
- B A monarquia primitiva
- C A monarquia média até a crise assíria
- D A crise assíria
- E A crise babilônica e o exílio
- F Os judeus sob o domínio persa e o período pós-exílico
- G Os judeus sob o domínio helenista
- H Os judeus no período romano até a revolta de Bar-Kochba

A história de Israel – como o ilustram os títulos dos Capítulos D-H – é marcada, sobretudo, por potências estrangeiras (Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma). Nos períodos primitivos, o surgimento de Israel e de Judá, bem como sua progressiva configuração em reinado, tornaram-se possíveis devido a uma lacuna de poder político no Levante (Capítulos A–C). Acima de tudo, três acontecimentos influenciaram decisivamente a história de Israel e de Judá:

(1) Em 722 a.C., a Assíria conquista o reino de Israel. O estado de Israel ruiu, portanto, e a elite foi deportada para diversas regiões do império assírio. Contudo, alguns israelitas conseguiram fugir para Judá. As tradições do Reino do Norte continuam a ser cultivadas ali. Doravante, Judá compreende-se como Israel.

(2) Em 587 a.C., os babilônios conquistam o reino de Judá. Destroem Jerusalém, juntamente com o templo, e deportam a elite judaíta. No exílio babilônico, Judá, isto é, Israel, deve reorientar-se. Os primórdios do judaísmo primitivo provavelmente remontam à época do exílio.

(3) Muito tempo depois do retorno do exílio e após a reconstrução do templo, Jerusalém e o templo, em 70 d.C., são destruídos mais uma vez – desta vez pelos romanos. Uma vez mais o judaísmo primitivo deve reconstituir-se.

Os Capítulos A–H estão estruturados de forma semelhante. Para a orientação, cada um deles começa com uma sucinta visão geral sobre a época. Logo se seguem a apresentação e a avaliação crítica das fontes bíblicas e extrabíblicas. Tomando-as como fundamento, reconstrói-se cada época. Visto que a representação bíblica, tanto da pré-história como do período inicial da monarquia, desvia-se fortemente dos resultados extrabíblicos, nos Capítulos A e B inicialmente ela é descrita e, em seguida, considera-se o quadro da época, tendo como fundamento as verificações arqueológicas e as fontes extrabíblicas. Uma vez que, quando se trata de outras épocas (C–H), existem maiores consensos entre resultados bíblicos e extrabíblicos, imediatamente depois da avaliação crítica da situação das fontes, esboça-se o quadro da época a partir das fontes bíblicas e extrabíblicas. Os Capítulos (A–H) estão subdivididos em subcapítulos, ou seja, em períodos de tempo (I, II, III etc.). Os subcapítulos começam igualmente com um curto resumo; logo a seguir, apresentam-se, em uma lista, os reis e os acontecimentos mais importantes. As datas atribuídas a cada um dos reis referem-se à duração do reinado. Os períodos de governo só podem ser estipulados de maneira aproximativa. Os períodos de governo apresentados neste manual se orientam pela reconstrução de Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, e de Michael Tilly, *História de Israel*. Eles pretendem facilitar uma organização temporal aproximada de cada um dos reis. Cada um dos subcapítulos está dividido em seções temáticas (1, 2, 3 etc.).

O texto principal, completo em si, vem suplementado separadamente por excursos, aprofundamentos, textos informativos, fontes textuais relevantes, bem como por ilustrações e mapas. Os excursos autônomos ampliam o texto principal em temas importantes. Os aprofundamentos e os textos informativos, assim como as legendas dos mapas e das ilustrações, fornecem mais detalhes sobre os acontecimentos e os temas tratados no texto principal. Fontes textuais escolhidas são apresentadas em trechos; este manual não pretende postular uma história homogênea, mas, ao contrário, “levar” o leitor, passo a passo,

pelo delinear subsequente das épocas. Os fragmentos não substituem a leitura completa das fontes; ao contrário, pretendem estimulá-la. As traduções provêm mormente da coletânea “Historisches Textbuch zum Alten Testament” (HTA) e, do ponto de vista linguístico, foram ligeiramente modificadas para este manual.

Quando não indicado diferentemente, as datas nos Capítulos A–G referem-se ao período antes de Cristo. Considerando-se que apenas o Capítulo H trata da mudança de época, por questão de clareza, nele se usam as abreviaturas a.C. e d.C., conforme o caso.

Neste livro, o nome de Deus, o Tetragrama, é transliterado pelas quatro consoantes latinas IHWH, em correspondência com as quatro consoantes hebraicas יהוה.

Um apêndice contém as datas e os acontecimentos importantes da história em sinopse. Índices de abreviaturas, de fontes e bibliográfico, bem como um índice remissivo, concluem o manual.

Agradeço ao Prof. Dr. Helmut Engel, que corrigiu rigorosamente o manuscrito e ofereceu valiosos comentários. Sinto-me grata à Sra. Maria Steiger que, como professora, ofereceu sagazes sugestões. Ademais, devo gratidão a Hanno Mußler e a Johannes Roth pela revisão do texto e por diversas observações úteis. O Sr. Markus Müller, colaborador estudantil em meu curso, prestou inestimável serviço na elaboração dos gráficos e tabelas. O livro surgiu ao longo de vários anos de cursos sobre a história de Israel na Universidade Sankt Georgen, em Frankfurt. Dedico este livro a Hanno Mußler e a Petra Peetz.